

POLISFINGE: DECIFRA-ME OU DEVORO-TE

Yiftah Peled. Dep. de Artes Visuais. UFES. yiftahpeled64@gmail.com

Elaine de Azevedo. Dep. de Ciências Sociais. UFES. elaine.azevedo.91@ufes.br

“Toda cultura é impura ou se impurifica ao contato com outras culturas. O dilema de toda cultura é esfingético: ou me devoras (decifras) ou serás devorado”
Augusto Boal (2009, p.36)

RESUMO: Este artigo apresenta conteúdos do projeto denominado “Turismo Definitivo: Escultura pública na Praça da Sé”, realizado no Centro Cultural Banco do Nordeste, na cidade de Fortaleza, Ceará. O projeto se propõe a estimular uma discussão sobre o lugar da obra de arte no espaço público - sem se instalar no espaço físico. Entende-se aqui o espaço público como lugar constituído por discursos e pautado em ideologias e jogos de forças entre poderes. A partir desse projeto, realiza-se nesse artigo uma reflexão sobre as esferas públicas que apoiam projetos de arte pública; sobre diferentes dimensões relacionadas a produção contemporânea de obras de arte no espaço público; sobre a participação, sobre a ficcionalidade.

Palavras chaves: arte contemporânea; espaço público; participação; antagonismo; ficcionalidade.

ABSTRACT: *This paper presents the contents of the project called “Turismo Definitivo: Escultura pública na Praça da Sé”, held at the Centro Cultural Banco do Nordeste, in the city of Fortaleza, Ceará. The project aims to stimulate a discussion of the place of work of art in the public space - without installing the physical space. It is understood here the public space as a place consisting of speeches and guided by ideologies and games of power between political forces. From this project is carried out in this paper some reflections about the public spheres that support public art projects; about different dimensions related to contemporary production of works of art in public space; about participation, about fictionality.*

Key words: contemporary art; public place; participation; antagonism; fictionality.

Introdução

A partir do Projeto “Turismo Definitivo: escultura pública na Praça da Sé” este texto pretende explorar as dimensões de obras de arte no espaço público com foco para a discussão que perpassa conceitos de participação, ficcionalidade e engajamento social. Para esse estudo conceitual serão mobilizados autores das áreas das Artes e Ciências Sociais, bem como textos do autor/ artista proponente do projeto e do público presente na exposição onde o projeto foi mostrado.

“Turismo Definitivo: Escultura pública na Praça da Sé”

A obra “Turismo Definitivo: escultura pública na Praça da Sé”¹ apresenta um *display* de um projeto de escultura pública para a praça acima mencionada, localizada no centro da capital do Ceará. O projeto foi apresentado em um espaço expositivo, assemelhado a uma sala de apresentação de projetos urbanísticos/ arquitetônicos e incluía: adesivo da agência “Turismo Definitivo”;² uma miniatura/ maquete da obra proposta; a imagem da praça com simulação da peça instalada; um mapa do local e uma plataforma para uma enquete.³



Imagem do projeto realizado na mostra “Lugar Olhado”, outubro de 2015, no Centro Cultural Banco do Nordeste na cidade de Fortaleza (foto do artista)

No final da exposição foram recolhidos as respostas de participantes da enquete, apresentados no final do texto.⁴ Também fazia parte do *display* um texto adesivado sobre a parede do espaço apresentado abaixo na íntegra:

Projeto: Escultura pública na Praça da Sé

Patrocinado pela agência internacional “Turismo Definitivo”, em colaboração com as autoridades locais e a sociedade civil, o projeto prevê a instalação de uma escultura pública, de caráter permanente, na Praça da Sé, no centro de Fortaleza. O local escolhido para a implantação do projeto carrega uma importância histórica. A

¹ O projeto fez parte da mostra “Lugar Olhado”, realizada em outubro de 2015, no Centro Cultural Banco do Nordeste na cidade de Fortaleza, sob curadoria de Marcos Martins.

² Turismo Definitivo, a agência geradora do projeto traz um conceito “que relaciona os fatores temporário /permanente (de forma tencionada) e indica recíproca contaminação durante o ato da visitação/participação/leitura” (Peled, 2013, p.5). Uma aparente contradição entre a temporalidade de uma visita turística e a permanência foi intencionalmente projetada para identificar a contaminação irreversível que o ato da visita na obra de arte envolve. O termo Turismo Definitivo foi cunhado pelo artista Yiftah Peled e deu nome a um projeto realizado no Espaço Independente de Arte 803-804, em 2004, em Florianópolis, SC. Variados projetos posteriores foram financiados via a agência Turismo Definitivo muitos deles envolvendo espaços públicos.

³ Esta ferramenta foi utilizada como instrumento político pelo artista Hans Hacke no projeto “MOMA Poll” (1970), mostrado no Museu de Arte Moderna de Nova York.

⁴ Futuramente o projeto pode ser desdobrado em nova montagem na qual os depoimentos serão incluídos.

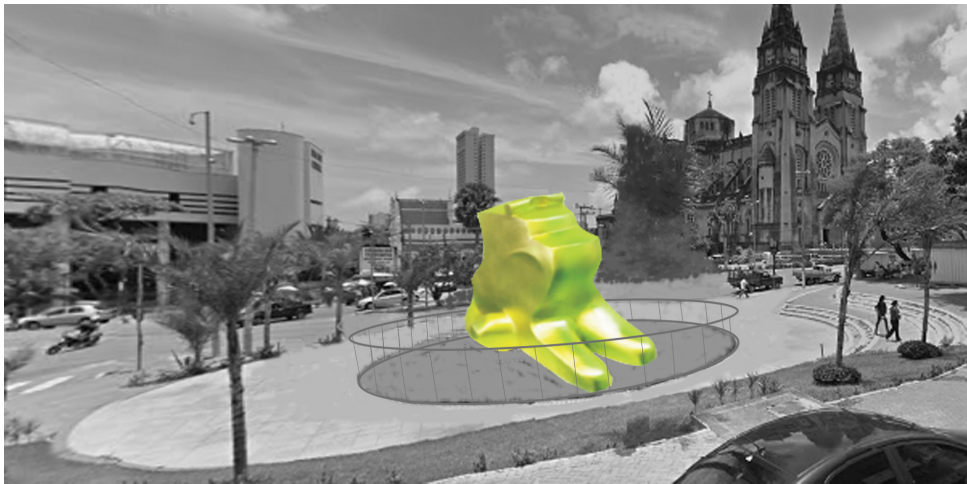
Praça da Sé, conhecida também como praça Dom Pedro II, localiza-se em frente a nossa Catedral e foi a primeira praça oficial da cidade sob a colonização portuguesa, em 1726, abrigando o antigo pelourinho. Famosa por sua beleza, a praça funciona como um local de lazer das famílias cearenses e é uma tradicional atração turística da capital. Nada mais justo para a cidade de Fortaleza que a renovação artística e cultural de suas praças implantando nelas novas obras de arte. Assim sendo, pretendemos substituir a escultura cinética do artista Sérvulo Esmeraldo, pois acreditamos que a nova obra - no formato de uma esfinge - vai contribuir para a limpeza do local, relembrando a importante ação do nosso Fórum de Justiça localizado anteriormente nessa praça. Com aspecto monumental, a escultura será fundida em bronze, com altura de 5 metros. Coberta em ouro, a esfinge deve se tornar uma fonte de luz para nossa cidade. O ouro aplicado fará homenagem as nossas forças de segurança, com valor equivalente ao de uma viatura policial Hilux. Ao redor da estátua será instalado um aparelho de segurança permanente composto de cerca elétrica (com capacidade de choque moderada) e eficazes câmaras de segurança. A obra deve tornar-se um símbolo do progresso, cartão postal da capital, brilho e renovação da cidade de luz.

O projeto “Turismo Definitivo...” iniciou em 2013, em uma conversa com o curador da exposição Marcos Martins que apontou uma caminhonete da marca *Hillux* usadas na cidade de Fortaleza como viaturas policiais. Informou que esses carros de luxo têm o apelido de “a bichona” e são altamente valorizados e percebidos como objetos de ostentação na cidade. Essa descrição e o apelido afetivo instigaram a criação desse projeto. Foi produzido um modelo escultórico inicial - uma forma que combinava um corpo de felino e uma viatura policial, impulsionada pela referência histórica da esfinge. No dicionário informal da internet⁵ “bichona” é um “aumentativo de bicha”, um termo pejorativo para se referir a um homossexual, algo diferente da expressão aliada a admiração e malícia usada pelo curador. Outro dado importante relatado por Martins foi de que a polícia cearense recebeu uma frota desses carros de luxo e que seu alto custo acabou por tencionar a relação entre a polícia e a condição social dos moradores dos bairros pobres da cidade, levantando dúvidas sobre gastos públicos e segurança na cidade: para quem é a segurança? Proteger-se de quem?

O projeto recebeu um novo desdobramento a partir do convite para participar da mostra em Fortaleza. A ideia foi usar a “Bichona” por sua relação com o fato mencionado, mas ainda sem a clareza de como usá-la no contexto urbano local.

A ideia de fabricar um projeto de arte que implica uma obra monumental para a praça surgiu a partir da necessidade de criar um embate, e um ruído; uma tentativa de tencionar a escultura com a percepções do espaço público.

⁵ Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/bichona/> Acesso em: 18 Dez 2015.



Simulação do Projeto de escultura pública na Praça da Sé (crédito do artista)

A Praça da Sé foi escolhida como local para simular a instalação da escultura pública. O local, um antigo pelourinho de Fortaleza, carrega um peso histórico como espaço de exibição de espetáculos de tortura de escravos. A praça abriga a antiga catedral da cidade e o forte dos holandeses, afirmando na sua composição urbana o jogo entre os poderes colonizadores: uma mescla racial entre a tradição católica portuguesa (apesar de um período de colonização holandesa na região) atravessada pelo extermínio dos índios e da experiência escravagista.

No Brasil, mergulhado em uma modernidade arrastada, o processo de colonialismo comandado por forças externas migrou gradativamente para um colonialismo endógeno - mantendo os mesmos princípios e atitudes exploratórias – através do qual uma minoritária elite econômica exerce dominação e garante seus diretos classistas via controle e supressão dos direitos humanos básicos da população. Tal processo foi reforçado via intervenção do regime ditatorial militar, relativamente recente no país, sob o qual forças de segurança pública serviram como instrumentos de repressão.

Fortaleza, construída a partir de um complexo e imbricado quadro social que se estende a muitas capitais brasileiras, é composta por uma aglomeração de bairros pobres que cercam áreas centrais de intenso empreendedorismo imobiliário intenso e que desfrutam de privilégios e sistemas de segurança pública/privada. Também é uma cidade a beira do oceano que goza de intenso fluxo turístico. Nesse espaço público diferenciado e isolado dos bairros de periferia, as forma de dominação recebem uma roupagem branda.

Tal configuração Panóptica se apoia na visão de Foucault (1997, p. 167) no seu notório livro ‘Vigiar e Punir’ que se debruçou sobre formas de controle nas sociedades modernas: “o Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder.” Para o filósofo francês, as formas de controle modernos se tornam mais sofisticadas e velam uma violência explícita, operando formas de domínio ‘positivas’ como o progresso, a positividade e a produtividade. A ideia da positividade do progresso, aliado a *áurea sacra famis* alimentada pelo espírito do capitalismo,⁶ tornou-se uma forma mais sutil de manipulação: algo que virá; um futuro melhor; o progresso e a modernidade que apresentam como miragem inatingível.

⁶ Do latim *áurea sacra famis* ou ambição pelo ouro. Referência a Weber (2004) em sua análise da ética protestante e o espírito do capitalismo.

O texto adesivado (acima apresentado) da obra da agência do “Turismo Definitivo” inicia o discurso usando uma forma de possível progresso como método de convencimento para a suposta instalação da obra na praça. Entretanto, na medida em que avança, o texto se torna impositivo, absurdo, trágico/cômico. A proposta da cerca elétrica (com choque moderado), por exemplo, inverte a função de segurança pública de proteger a sociedade brasileira para se auto proteger, conhecida estratégia clientelista e favoritista da política tradicional. O valor aplicado em ouro corresponde ao exacerbado e desproporcional valor das viaturas policiais *Hillux*.

Na exposição, o projeto previa ainda a substituição de uma escultura cinética instalada na praça do artista cearense Sérvulo Esmeraldo que se encontrava, naquele momento, sem energia para seu funcionamento e em estado de precariedade. A proposta do projeto foi substituir esse ‘monumento involuntário’⁷ por uma obra que assumisse verdadeiramente uma posição estática remetendo a monumental postura da esfinge egípcia.

A forma escultura proposta para a praça dialoga com esculturas em estilo neoclássico de leões da praça vizinha chamada Praça General Tibúrcio, conhecida como “a Praça dos Leões”. Essa praça foi projetada com referências da estética neoclássica francesa e parece transmitir um exotismo fantasioso sobre os animais selvagens importados do continente africano para o nordeste brasileiro.

A Polisfinge

Polisfinge foi a nomeação aqui escolhida para a escultura proposta na praça. É uma versão contemporânea dos diferentes tipos de esfinges tradicionais. Diferente das versões da *Androsfinge* (corpo de leão com cabeça de pessoa), *Hierocosfinge* (corpo de leão com cabeça de falcão), *Criosfinges* (corpo de leão com testa de cabra), a *Polisfinge* um cruzamento entre a viatura (*polícia*) o felino selvagem (ambos importados). Na antiguidade as estatuas das esfinges eram posicionadas em lugar estratégico com a função de guardião da cidade. Em grego a palavra esfinge vem do verbo apertar, estrangular, ou seja, remete a uma ameaça.



Miniatura da *Polisfinge* (foto do artista)

⁷ Termo usado pelo artista Yiftah Peled em alusão a projetos modernos arruinados que revelam involuntariamente o colapso de uma utopia moderna. Disponível em: http://www.dobra.com/terreno.baldio/yiftah/monumentos_involuntarios.html Acesso em: 3 Jun 2016.

A ideia de arte e/no lugar

Diferentes autores e áreas se dedicam a explorar a arte no espaço público, contexto em qual o termo “obra em local específico” ou “*site specific work*” é comumente usado. Tal conceito serve aqui apenas como um ponto de partida para explorar a ideia do site ficcional. Como mostra Miwon Kwon (1997, p.85), a prática do *site specific* é direcionada a ideia de presença (mesmo que efêmera) de um projeto de arte em um lugar escolhido um lugar de: “uma realidade tangível, com uma identidade composta de uma combinação única de elementos físicos constitutivos”.

O conceito de *site specific* é insuficiente para explicar o projeto Turismo Definitivo o qual, desde seu início, não tinha a intenção de instalar fisicamente a escultura no espaço da praça em questão. James Meyer (s/d) sugere outra lógica mais próxima da proposta denominada de “*functional site*” definido como “(...) uma função acontecendo entre os lugares, e pontos de vista, uma série de exposições de informação do lugar.” (p.26) Trata-se de um espaço de informação deslocado da materialidade do lugar e da dimensão espacial para sua moldura cultural. Como Miwon Kwon (1997, p.89-90) mostra:

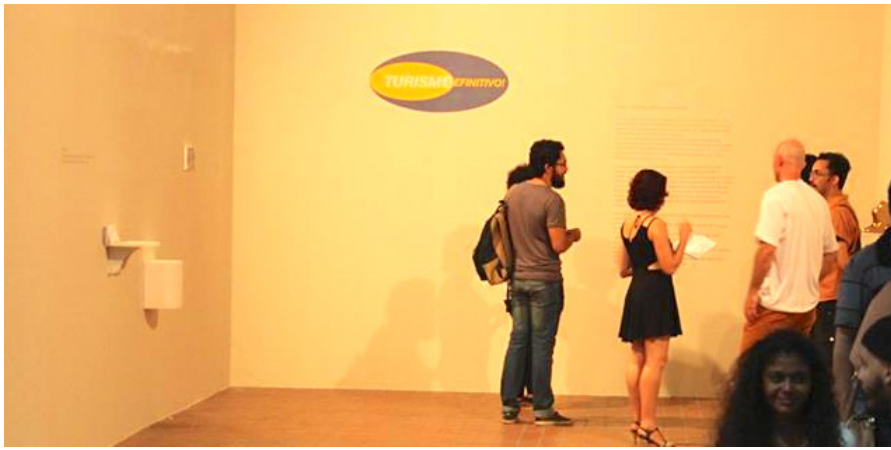
(...) o *site* passou de uma condição física (...) para um sistema de relações socioeconômicos (...) diferente dos modelos anteriores, esse *site* não é definido como uma pré-condição, ou seja, ele é gerado pelo trabalho (frequentemente como “conteúdo”).

Sob uma perspectiva parecida, em uma dimensão da arte contemporânea atravessada por diversas disciplinas (especialmente a Sociologia e a Antropologia), Hall Foster (1996) declarou que os artistas tornam-se visitantes, turistas e *free lancers* que se movem entre cidades. Foster cunhou o termo “artista etnógrafo” complexificando assim a discussão sobre as construções sociais do lugar.

Essa forma de lidar com a arte provoca uma relação diferenciada com os visitantes; a arte adquire um caráter informativo e exige mais leitura do que fruição visual. Portanto, essa forma que envolve informação apresenta desafios para o engajamento dos espectadores. Nesse sentido, a estratégia da participação pode ser uma aliada para promover o envolvimento dos visitantes. Frank Popper, nos anos 1970, elaborou sobre essa ativação em seu livro “Arte, Ação e Participação”, declarando que:

Mais ou menos em passos graduais a obra de arte por si sumiu. O artista assumiu funções que são mais de intermediar do que criar. E começou a anunciar proposições e hipóteses de um ambiente aberto. Finalmente o espectador foi impelido a intervir no processo estético de forma antes desconhecida (POPPER, 1975, p.11).

No projeto de Fortaleza, ao mesmo tempo em que a leitura dos textos é projetada para promover maior consciências sobre o significado da coisa pública e sobre valores projetados no espaço urbano, busca-se também provocar os visitantes e trazer a tona suas dúvidas/questionamentos frente a implantação da obra via participação na enquete.



Abertura da mostra “Lugar Olhado”, outubro de 2015
Centro Cultural Banco do Nordeste, Fortaleza, CE.

Ficcionalidade

Como consequência do enfoque eminentemente discursivo incorporado ao projeto de escultura pública e juntamente com a possibilidade de ativação da participação emerge um conceito de “lugar/site ficcional”. *A Polísfinge* apresenta-se como um projeto inventado⁸, mas sua potência reside nessa condição ficcional. A partir do contexto literário, Jaques Rancière define a ficcionalidade como uma projeção que procura estratégias de valorizar o discurso:

A ficcionalidade própria da era estética se desdobra assim entre dois polos: entre a potência de significação inerente às coisas mudas e a potencialização dos discursos e dos níveis de significação (...) Fingir não é propor engodos, porém elaborar estruturas inteligíveis. A poesia não tem contas a prestar quanto à ‘verdade’ daquilo que diz, porque, em seu princípio, não é feita de imagens ou enunciados, mas de ficções, isto é, de coordenações entre ato (RANCIÈRE, 2005, p. 53-55).

A ficção é comumente vista como espaço de imersão, principalmente quando se refere ao cinema e ao teatro tradicionais, nos quais os corpos dos espectadores somem no escuro da sala/teatro junto com o mundo que o circunda facilitando, dessa forma, o mergulho na fábula. Porém, existe também a possibilidade de através da ficção, ativar formatos críticos de percepção, em contato intenso com o mundo “real” gerando um contexto fabricado. O coletivo *The YesMan* (2013, s/p) aponta essa estratégia quando afirma que: “mentiras podem expor as verdades”, sendo que a ficção permite uma possibilidade crítica de “(...) provocar e questionar o modo como vivemos” ou como Rancière (2005, p. 58) afirma: “O real precisa ser ficcionado para ser pensado”.

A Polísfinge foi projetada para ser mais estranha do que o ‘real’ adquirindo uma qualidade alienígena. Michel Foucault (1992) aborda esse estranhamento na introdução do seu livro “As palavras e as coisas” ao citar um conto de Jorge Luiz Borges que descreve uma certa enciclopédia

⁸ A estratégia de uso da ficção é encontrada em artistas como Marcel Duchamp (“*Rrose Sélavy*”, 1921); Sophie Calle (*Detective*, 1980); Marcelo do Campo/Dora Longo Bahia (BAHIA, 2006) e Souza Geijutsuka/Yuri Firmeza (FIRMEZA, 2007).

chinesa que apresenta uma exótica ordem de categorização de animais.⁹ Esse é o tipo de fascínio frente ao estranhamento que a *Polisfinge*, um bicho igualmente exótico, se propõe a provocar.

Ao apostar na ficção como matéria e potência central do projeto é possível discutir a construção de identidades e provocar uma fissura na “ficção científica social” termo cunhado pelo artista Richard Prince para descrever as estratégias da mídia e a fabricação de padrões sociais.¹⁰

O projeto da escultura pública na praça promove a *Polisfinge* através de uma agência ficcional de turismo e a enquete evidencia que a existência da obra pode ser medida na sua fricção com o participante.

As enquetes

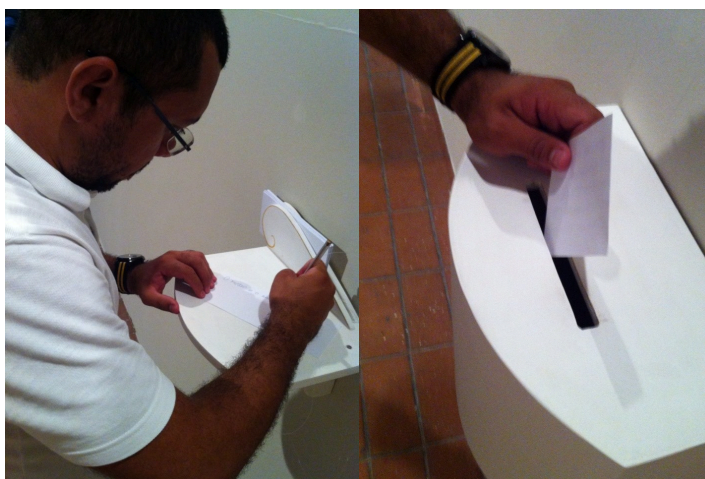


Imagem de participação na enquete.

Como mencionado acima o projeto propôs uma enquete incentivando os visitantes se posicionar frente ao projeto. Intencionalmente o texto induzia as pessoas a apoiar o projeto a partir da seguinte proposição: “Por favor, anote no papel sua opinião: porque eu apoio a instalação do projeto ‘Turismo Definitivo’ Escultura pública na Praça da Sé?” - “Coloque a resposta na caixa”.

Apesar da tentativa de indução operada pelo projeto, do total de 35 respostas depositadas na caixa apenas doze apoiaram o mesmo; três ficaram neutras e dezenove indivíduos se expressavam contra o a realização do projeto na Praça da Sé. Ou seja, a maioria respondeu a proposta de forma crítica demonstrando uma resistência frente a ideia de instalar a escultura na praça. A seguir algumas respostas:

⁹ Na categoria de animais, por exemplo :a) aqueles que pertencem ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d)leitões, f) fabulosos, g) cães em liberdade h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pelo de camelo, l) etcetera, m) que acabam de quebra a bilha n) que ‘de longe parecem moscas’ (Borges apud Foucault, 1992, p.5)

¹⁰ Disponível em: <http://www.gagosian.com/exhibitions/richard-prince--april-09-2015> Acesso em: 5 Jun 2016. Em seu trabalho, Richard Prince se apropriava de imagens prontas de ícones nacionais estadunidenses da mídia, da publicidade e da cultura popular. Sobre tais imagens, ele operava agrupamentos, remoção de textos ou ampliação de detalhes, revelando aspectos de racismo, sexismo, psicose nesse âmbito de glamour. Criava assim, uma estranheza alucinatória que chamou de “social science fiction”.

Apoiadores do projeto/ Respostas positivas:

Nas enquetes mencionadas cinco pessoas manifestaram seu apoio sem explicar ou especificar a razão. As outras quatro explicam porque estão a favor da instalação de obras:

“Seria algo novo e interessante na cidade”

“Renovar é sempre preciso, refletir é necessário”

“Muito ouro!!! Apoiado”

“Sim, excelente crítica”

“Sou um apoiado integral do projeto “turismo definitivo” com todos os impactos estéticos /públicos da obra na sociedade”

“ (...) porque representa um respeito à catedral e à praça”

“Para ajudar a perceber a politica de segurança de luxo onde não se vê resultados concretos”

As respostas positivas mostraram que alguns dos participantes se identificaram com a proposta; outras indicaram um possível efeito crítico da obra no espaço público. Juntando essas respostas é possível identificar os seguintes critérios de apoio à instalação da escultura: a obra é interessante; respeita o lugar; cria algo novo e um contexto crítico; tem impacto estético/ sobre o público; critica a segurança; tem ‘muito’ ouro - resposta que parece reverberar no mesmo tom irônico e humorístico do projeto.

Respostas neutras ou sem clareza frente a proposta:

“Não tenho nada contra mas também nada a favor”.

“Porque não apoiar?”

“É preciso que os espaços públicos sejam tomados por cultura e arte. Não mais abandonado seus políticos. Mais cultura Fortaleza mais arte mais educação”

Respostas contra a instalação da escultura:

Alguns se colocaram contra sem especificar a razão. Alguns se mostraram irritados. Outros apresentaram diferentes argumentos:

“Esfinge não tem como te defender...”

“Tentem algo mais relevante historicamente”

“Uma palhaçada a mais outra a menos, não faz diferença”

“Eu não apoio esculturas; são representações de estruturas hierárquicas e autoritárias”

“Eu ia apoiando, minha resposta iria bem a arte é para o povo, mas ao ler a descrição do projeto vi que não comunga com o que eu estava pensando. Explico me : uma obra de arte onde as pessoas levam choque? Câmaras de segurança ?

Uma obra que em detrimento de uma outra obra, quer substituir uma que já fazia parte da história da cidade? A esfinge é um símbolo grego, acredito que seria bem melhor um símbolo fortalezense”.

“Não apoio. Não precisamos de mais monumentos ou um símbolo. Precisamos de segurança. O que adianta uma turista visitar essa obra e ser assaltado e levado seus pertences”

“Como pode querer fazer uma estatua caríssima. Não vejo nenhuma evolução na educação, saúde e segurança? Entendo que beneficiara a cultura de fortaleza. É bacana, é, mas não adianta de nada se não tivesse + educação”

“Eu não apoio a instalação do projeto, pois acredito que a história de um lugar não pode ser recontada. Para mim a praça a atual escultura representa um monumento/processo histórico da cidade”

“Não apoio ridículo”

“É horroso!!! Minha gente melhore!!!”

“Acho que não representa o centro da cidade. Seria melhor algo mais direcionado a história do lugar”

“Não apoio, pois não temos manutenção dos monumentos de Fortaleza. Precisamos melhorar o que existe”

“Não apoio, achei horrível! Nada a ver com a cidade”

“A ideia de trabalhar a escultura em ouro me desagrada. Creio que o ouro passa uma visão que não é coerente com conceito da praça, espaço público e popular. O ouro não representa, ou não aponta algo popular. Também a esfinge não parece significar algo que relaciona com nosso estado”

“Apoio a intervenção. Apenas dirija o valor do revestimento em ouro para mais uma viatura (é sempre necessária). Deixa ela em alumínio”

A maior preocupação dos contra argumentos está ligada a construção de identidade histórica no espaço público no sentido da destruição/ mudança de obras já existentes e sua significação histórica.

Em quatro pessoas foi encontrado o questionamento sobre a seriedade do projeto da obra e sobre seu valor estético. Três pessoas apresentavam questionamento sobre a autoridade e sobre o limite ético da obra. Em outras três pessoas encontram-se questionamento sobre a validade em investir em arte sob um contexto público de vulnerabilidade social e econômica. Participantes na enquête expressaram sua preocupação com os valores que constituíam o espaço público. A reação negativa ou positiva manifesta-se como sinal de participação ativa do visitante na direção de influir sobre a condição da praça e de estabelecer valores estéticos que o represente com pertinência.

Por fim, pode-se dizer que a *Polisfinge* problematizou o papel da arte no espaço público, sem precisar ser instalada, reverberando com a ideia de Ranciere (2005, p. 62) de que: “as ‘ficções’ da arte e da política são, portanto, heterotopias mais do que utopias”.

A participação induzida provocou a possibilidade de desestabilizar a validade das ideologias/ficções que dominam o espaço público. Talvez o maior valor brilho gerado pela *Polisfinge* não provem do ouro, mas das possíveis faíscas geradas no atrito entre a ficção e “realidade”.

Referências bibliográficas:

- BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido*, 2009. Disponível em: http://www.fbnovas.edu.br/fbnovas/wp-content/themes/kingdom-theme/images/ebooks/cienciasteologicas/a_estetica_do_oprimido.pdf Acesso em: 3 Mar 2016.
- FIRMEZA, Yuri. *Souzousareta Geijutsuka*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2007.
- FOSTER, Hal. *The return of the real: the avant-garde at the end of the century*. The MIT Press. London, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Martins Fontes: São Paulo, 1992.
- _____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- KWON, Miwon. *One place after another: notes on site specificity*. In: October, v. 80, p. 85-110, Primavera, 1997.
- LONGO BAHIA, Dora. *Marcelo do Campo 1969-1975*, 2006. São Paulo: Itau Cultural Editora, 2006.
- MEYER, James. *Functional Site*, s/d. Disponível em: <http://www.indusvalley.edu.pk/La/summer%202014/3rd%20class/James%20Meyer.pdf> Acesso em 1 Abr 2016
- PELED, Yiftah. *Dinâmicas e Trocas ente Estados de Performance* (Tese de Doutorado no Departamento de Artes Visuais). Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo, 2013
- POPPER, Frank. *Art-Action and Participation*. New York: New York University Press, 1975.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO Experimental; Editora 34, 2005.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.